

# Invasores perdem abrigo debaixo da ponte

2\* JUL 1997

CORREIO BRAZILENSE

Jorge Cardoso

Igor Germano

Da equipe do Correio

Um terço de plástico no pescoço, uma idéia na cabeça. Osvaldo dos Santos, 33 anos, morava com a família debaixo da ponte do Braguito. Agnaldo da Conceição, 32, também. Os dois receberam ontem a visita de fiscais da Administração de Brasília. Os dois prometeram sair. Os dois garantiram que, mais cedo ou mais tarde — mais cedo do que tarde — voltarão para o mesmo lugar. Ambos são protagonistas de histórias conhecidas, com finais previsíveis.

“Já me tiraram daqui mais de dez vezes e eu sempre voltei”, garante Osvaldo. Desempregado, analfabeto, pai de seis filhos, ele afirma que não tem outra alternativa. “Na Bahia está esquisito, moço. Aqui pelo menos temos água doce e é mais fácil encontrar o comestível. Pediram para eu levar minhas coisas para a chácara em que minha cunhada trabalha. Agora, onde tiver invasão eu estou entrando. Se não tiver, eu volto pra debaixo dessa mesma ponte.”

Um prato de arroz, feijão e pimenta pode ter sido o último de Osvaldo debaixo da ponte. Ele teve de dar adeus à rotina de banhos improvisados na ciclovia, comidas esquentadas em latas sobre o fogo e o ruído ensurdecedor dos carros que passam sob a ponte e só dão sossego depois das dez da noite.

“Já pulei de Planaltina para Sobradinho, de lá para Brazlândia e não consegui emprego”, conta Osvaldo. “Na Bahia eu não tinha nada. Aqui, mesmo sem emprego, tenho o que comer.”

Agnaldo da Conceição recebeu os fiscais com as passagens de volta para o interior da Bahia nas mãos. “Os fiscais chegaram tarde”, reclama Agnaldo. “Eu já havia comprado duas passagens para Irecê, na Bahia, onde eu tenho minha casinha. Gastei R\$ 100,00 para viajar com minha mulher e os três filhos.”

Levando um terço de plástico azul no pescoço e três cestas básicas na bagagem, Agnaldo mantém uma idéia fixa na cabeça: garante que vai para a Bahia, mas volta para Brasília assim que a situação se complicar. “É a nona vez que venho a Brasília. Até agora nunca tinha me dado mal. Mas, desta vez, passei 40 dias por aqui e não consegui emprego.” Sem emprego, sem instrução, esperando mais um filho, ele já conta com a certeza de que vai retornar. “Quando acabar a comida eu volto”, garante.

“Não foi preciso usar a violência”, afirmou a chefe de fiscalização da Administração de Brasília, Helena Amaro. “As dez famílias que viviam aqui concordaram em sair: uns receberam passagens, outros auxílio aluguel.” A ponte ficará deserta pelo menos até a chegada de novos Osvaldos, Agnaldos, Josés...



A Administração de Brasília retirou pacificamente dez famílias de invasores que viviam sob a Ponte do Braguito, mas a maioria promete voltar